ReGeo
ISSN: 2177-3246

O ENSINO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM OS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

THE TEACHING OF SPORT IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND ITS RELATIONSHIP WITH SOCIAL MARKERS OF DIFFERENCE

LA ENSEÑANZA DEL DEPORTE EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR Y SU RELACIÓN CON LOS MARCADORES SOCIALES DE DIFERENCIA

10.56238/revgeov17n3-126

Antonino Fernandes da Silva Junior
Prof. Mestre
Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: antonino.fernandes@ufrpe.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7100301140574740
Orcid: https://orcid.org/0009-0000-2210-0502

Rosângela Cely Branco Lindoso
Profa. Doutora
Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: rosangela.lindoso@ufrpe.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3076590717855221
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4724-7919

Ricardo Bezerra Torres Lima
Prof. Doutor
Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: ricardo.btlima@ufrpe.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/0128873517491860
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8454-2592

Laurecy Dias dos Santos
Profa. Doutora
Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: laurecydias@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9918863773475610
Orcid: https://orcid./ 0000-0003-3967-1699

Victória Felícia Gualberto de Lima
Profa. Mestre
Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: victoriafeliciaa@icloud.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9293829532809124
Orcid: https://orcid.org 0009-0009-1398-1614

ReGeo
ISSN: 2177-3246

Bruno Emmanuel Santana da Silva
Prof. Doutor
Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: chapeudecouro@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7057413399757757
Orcid: https://orcid.org/0009-0003-6501-2432

RESUMO
O presente trabalho tem por objetivo analisar o ensino do esporte na educação física escolar e sua relação com os marcadores sociais da diferença presentes nos estudantes. A metodologia utilizada foi uma pesquisa documental e de campo, sendo os dados analisados de forma descritiva. Os sujeitos participantes foram estudantes de uma turma do 2° ano do ensino médio de uma escola técnica da rede estadual de Pernambuco. Os resultados apontam que quando estes marcadores sociais não são observados, há um afastamento de partes dos estudantes do interesse das aulas. Porém, quando estas diferenças são respeitadas e valorizadas, muitos estudantes se sentem acolhidos, motivados e incluídos no processo de ensino aprendizagens do esporte na escola durante as aulas de educação física.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Esporte. Marcadores Sociais.

ABSTRACT
This study aims to analyze the teaching of sport in school physical education and its relationship with the social markers of difference present in students. The methodology used was documentary and field research, with the data analyzed descriptively. The participants were students from a 2nd-year high school class at a technical school in the state of Pernambuco. The results indicate that when these social markers are not observed, some students become disinterested in the classes. However, when these differences are respected and valued, many students feel welcomed, motivated, and included in the teaching-learning process of sport at school during physical education classes.

Keywords: School Physical Education. Sport. Social Markers.

RESUMEN
Este estudio tiene como objetivo analizar la enseñanza del deporte en la educación física escolar y su relación con los marcadores sociales de diferencia presentes en el alumnado. La metodología empleada fue documental y de campo, con un análisis descriptivo de los datos. Los participantes fueron alumnos de segundo año de bachillerato en una escuela técnica del estado de Pernambuco. Los resultados indican que, cuando no se respetan estos marcadores sociales, algunos alumnos pierden interés en las clases. Sin embargo, cuando estas diferencias se respetan y valoran, muchos alumnos se sienten bienvenidos, motivados e incluidos en el proceso de enseñanza-aprendizaje del deporte en la escuela durante las clases de educación física.

Palabras clave: Educación Física Escolar. Deporte. Marcadores Sociales.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da dissertação de mestrado intitulada "O ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: É para quê e para quem? Uma experiência do trato pedagógico do esporte da escola numa escola técnica do ensino médio, de autoria de Profº Ms Antonino Fernandes da Silva Junior, sob a orientação da Prof. Dra Rosângela Celi Branco Lindoso. Nele, procuramos fazer um recorte da relação entre o ensino do esporte na educação física escolar e sua relação com os marcadores sociais da diferença. Esta preocupação ganhou relevo na pesquisa a partir da observação dos distanciamentos de parte dos estudantes pesquisados durante as aulas sobre o conteúdo esporte. Entendendo à escola como um lugar de direito de todos e todas, por que havia estudantes se afastando das aulas sobre esportes?

Considerando este problema, a pesquisa buscou investigar as possíveis causas deste afastamento e quem se afastavam das aulas esportivas. No decorrer da investigação, foram surgindo várias hipóteses e dados que nos levaram a identificar que parte significativa dos estudantes que se afastavam das aulas apresentavam marcas sociais relacionadas a identidade de gênero, sexo, etnia, experiências esportivas anteriores, entre outras marcas, que não eram consideradas para elaboração, vivências e avaliação nas aulas de educação física sobre os esportes.

Compreendemos que a sociedade é formada por sujeitos com diferentes aspectos biológicos, étnicos, culturais, estéticos, religiosos, espirituais, funcionais, entre outros, que torna cada um singular e diferente que, portanto, precisa ser respeitado na sua especificidade. Porém, quando essa diferença não é respeitada, provoca a negação de espaços sociais e educativos, como aponta Silva Junior (2025):

> "Quando estas diferenças não são observadas, muitas desigualdades acabam sendo ampliadas, o que não condiz com a função social da escola republicana, pois sendo a escola pública uma instituição de promoção de política educacional e precisa estar preparada e comprometida para combater qualquer tipo de desigualdade e preconceito"(Silva Junior, A. F. 2025, p. 60)

Conforme Neira (2008), os marcadores sociais da diferença estão intrinsecamente relacionados à produção e à manutenção das desigualdades sociais, na medida em que os grupos atravessados por tais marcadores tendem a ocupar posições estruturalmente desiguais em relação àqueles que não são socialmente marcados. Cabe destacar, ainda, que esses marcadores não operam de modo isolado, mas articulam-se de forma interseccional, potencializando processos de hierarquização, exclusão e desigualdade nas diversas esferas da vida social.

Desta forma, evidencia-se a necessidade de não apenas identificar, mas de valorizar os marcadores sociais da diferença presentes no grupo de estudantes e planejar as aulas que acolham e insiram todos, garantindo acesso ao conhecimento tratado na aula sobre esporte.

Mas, esta segregação e/ou seletividade não pode ser compreendida sem analisar a história do próprio esporte, que surge dentro de um contexto de exclusão, mas que precisa ser ressignificado

enquanto conteúdo escolar, ao qual pretendemos apresentar no decorrer deste artigo, pois, será que o ensino do esporte na escola tem promovido a inclusão ou tem reforçado a segregação?

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa documental e de campo utilizando um diário de campo, questionário com questões abertas e fechadas, e entrevistas para coleta de dados.

2.1 CARACTERÍSTICAS DOS ESTUDANTES PESQUISADOS

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes de uma turma do 2º ano do Ensino Médio, composta por 37 discentes egressos do Ensino Fundamental provenientes de distintas redes de ensino. Desse total, 46% eram oriundos da rede municipal do Recife, 35% da rede pública estadual e 19% da rede privada. Entre os estudantes provenientes da rede pública, aproximadamente metade encontrava-se em situação de elevada vulnerabilidade socioeconômica, caracterizada por renda familiar per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo (um salário mínimo e meio).

Os estudantes participantes também apresentaram características sociodemográficas relevantes para os objetivos deste estudo, as quais podem influenciar os processos de assimilação do conhecimento. No que se refere à autodeclaração de etnia/raça/cor, 45,9% dos discentes se identificaram como pardos, 37,8% como brancos, 13,5% como pretos e 2,7% não declararam essa informação.

Quanto à identificação por sexo, 62% dos participantes declararam-se do sexo feminino e 38% do sexo masculino.

Adicionalmente, a partir das respostas ao questionário de autoidentificação por orientação sexual e identidade de gênero, constatou-se que 10% dos estudantes se identificaram como pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, enquanto 90% se declararam heterossexuais.

2.2 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foram utilizados dois questionários: o primeiro destinado ao levantamento de informações socioeconômicas, étnicas e de gênero dos participantes, e o segundo voltado à identificação das aprendizagens relacionadas ao conteúdo esporte. Além disso, empregou-se um diário de bordo, também denominado diário de campo, para registros das observações.

O diário de campo foi elaborado em um caderno específico para essa finalidade e, posteriormente, transcrito para um computador exclusivo da pesquisa, de modo a assegurar o armazenamento, a integridade e a confiabilidade das informações, atendendo aos critérios de segurança e rigor científico. Os registros provenientes desse instrumento mostraram-se fundamentais para a investigação, na medida em que possibilitaram a compreensão aprofundada dos dados produzidos.

Conforme destaca Minayo (1996, p. 64), “quanto mais ricas forem as anotações nesse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e análise do objeto estudado”.

2.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados de forma descritiva, baseados em Gil (2021) que defende:

> “As pesquisas deste tipo têm como objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc. […] Incluem-se também pesquisas que visam levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis” (GIL, 2021, p. 27)

3 BREVE HISTÓRIA DO ESPORTE E SUAS SEGMENTAÇÕES

Desde o surgimento do esporte moderno, na Inglaterra, em meados da década de 40, as características que definiram os códigos, sentidos e significados esportivos, já visavam uma seletividade dos seus participantes. Está seletividade acabou negando e excluindo vários segmentos da sociedade ao acesso ao esporte, seja como participante ou mesmo expectador, como expressado abaixo por Silva Júnior (2025):

> “A partir da revolução industrial, as práticas esportivas passaram a ter uma atenção maior da elite dominante e foram atribuídas a elas características de seletividade e nem todas as pessoas podiam praticá-las. Eram atividades predominantemente para homens brancos e da classe econômica dominante na sociedade. Mulheres, negros ou qualquer outra etnia e classes socioeconômicas mais baixas não podiam ou deviam praticar esportes. SILVA JUNIOR, 2025, p. 29.

Portanto, o esporte moderno nasceu reforçando a segregação social existente na sociedade. O esporte "oficial" era voltado para homens brancos da burguesia inglesa, não sendo possível sua prática as mulheres, pessoas negras, deficientes e de outra classe social.

Este modelo de esporte adentrou as escolas como conteúdo da educação física e se espalhou pelo mundo. Ainda, segundo Silva Júnior (2025) “a elitização do controle sobre o esporte tinha, entre seus objetivos, o de marginalizar as práticas corporais competitivas que não se encontravam sob a hegemonia da burguesia”.

Nesse sentido, a escola — espaço historicamente destinado às classes abastadas — configurou-se como um dos principais ambientes para a consolidação do esporte moderno, pautado por regras, pela civilidade, pela não violência e pela aceitação social. Desse modo, toda e qualquer manifestação esportiva que se desenvolvesse fora desse contexto institucionalizado tendia a ser deslegitimada, desvalorizada e excluída das práticas reconhecidas

Quando este modelo de educação física chega no Brasil encontra espaço para sua implantação, mas sofre modificações devida as características sócio-políticas e culturais aqui existentes, mas não

necessariamente mudanças antagônicas à elite burguesa, mas como uma forma de adaptação e melhor aceitação social.

Fora das escolas, havia, como ainda há, várias práticas corporais que a elite não dominava e isto dificultava o controle social, como apontou Porter, 2001, p.24 apud Melo, 2010 (2001):

> Nos séculos XVIII e XIX, foram lançadas campanhas pelo controle ou supressão dos jogos plebeus, lutas de ursos e de cães ou corridas de touro em prol de uma "reforma da cultura". A despeito da popularidade persistente de certos divertimentos em todas as categorias sociais, como corridas hípicas ou combates de boxe profissional, muitos sinais mostram que no início da era vitoriana as atividades de lazer começam a obedecer a uma diferenciação social cada vez mais nítida. (Porter, 2001, p. 24 *apud* Melo, 2010, p.110).

Da mesma forma no Brasil, havia muitas manifestações da cultura corporal que não faziam parte do esporte da elite, onde diferentes e variados grupos sociais estavam inseridos e por isto foram marginalizados, sendo inclusive proibidos e perseguidos por força da lei e aparatos de força militar.

Para demostrar tal afirmação, encontramos o decreto de Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, no seu artigo 54 como segue abaixo:

> Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (Decreto de Lei 3.199 de 1941 da Presidência da República do Brasil)

Esse decreto-lei, fundamentado em valores morais e em concepções biologistas, expressava o pensamento machista predominante à época, contribuindo para afastar as mulheres do esporte e consolidá-lo como um fenômeno majoritariamente masculino.

Outro exemplo que podemos citar diz respeito a proibição da capoeira no Brasil, que foi formalmente criminalizada pelo Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil por meio do Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. O artigo 402 deste código penal tipificava a capoeiragem — expressão corporal que combinava luta, dança e música, criada e desenvolvida por descendentes de africanos escravizados — como uma prática punível com prisão de dois a seis meses quando realizada em ruas e espaços públicos. Essa legislação não apenas refletia o racismo institucional, o medo das elites em relação a manifestações culturais negras e a tentativa de "ordenação social" no início da República, mas também funcionou como um instrumento de controle social que marginalizou ainda mais a população negra e as expressões culturais oriundas das camadas populares. Ao criminalizar a capoeira, o Estado buscava converter um patrimônio cultural de resistência e sociabilidade em um "crime de vadiagem", reforçando estigmas negativos e dificultando a transmissão legítima dessa tradição. A proibição só começou a ser revertida no início do século XX, com o reconhecimento gradual da capoeira como prática cultural e esportiva

A partir destes dois exemplos, entre outros, observamos a segregação ou tentativa de inibição do acesso e prática dos diferentes grupos sociais ao esporte.

Entretanto, sem conseguir proibir ou eliminar as atividades corporais espalhadas nas camadas populares, a elite dominante política do Brasil investiu na administração e difusão das práticas esportivas, tendo a educação física escolar um papel fundamental neste processo de ordenamento e controle social.

Desta forma, o conteúdo esporte na educação física escolar ganhou um papel importante de difusão das ideias burguesas, estas já caracterizadas como ideais capitalistas e controle social. Embora, não podemos ser simplistas ao atribuir só a educação física este papel doutrinador, mas pela sua possibilidade de mesclar disciplina, com regras rígidas, racionalização, controle, competição, entretenimento, entre outras características, exerceu um importante papel educativo para a reprodução do sistema capitalista em curso e assim, manter de certa forma, o controle sobre quem poderia praticar ou assistir o esporte.

4 OS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA DENTRO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL

Antes de abordarmos a relação da educação física e, em específico o conteúdo esporte, julgamos necessário expressar nossa compreensão quando nos referimos a terminologia “marcadores sociais da diferença”.

Os marcadores sociais da diferença referem-se a categorias socialmente construídas — como gênero, raça/etnia, classe social, sexualidade, geração, religião, deficiência**,** entre outras — que, em interação, organizam hierarquias, produzem desigualdades e estruturam relações de poder na sociedade. Esses marcadores não operam de forma isolada, mas de maneira articulada e relacional**,** influenciando as experiências sociais, os acessos a direitos e as possibilidades de reconhecimento dos sujeitos.

Para Piscitelli (2008), os marcadores sociais da diferença correspondem a categorias como gênero, raça, classe, sexualidade e nacionalidade que, articuladas entre si, produzem desigualdades e hierarquias sociais. Esses marcadores não devem ser compreendidos de forma isolada ou essencializada, mas como construções históricas e relacionais que organizam relações de poder e moldam as experiências sociais dos sujeitos.

Trata-se, portanto, de uma perspectiva analítica que permite compreender como as diferenças são historicamente produzidas e transformadas em desigualdades sociais, políticas e simbólicas.

Piscitelli destaca que os marcadores sociais da diferença devem ser entendidos como processos históricos e contextuais, e não como atributos naturais dos indivíduos.

Dito isto, passamos então a discorrer sobre a relação entre o ensino do esporte na educação física escolar e sua relação com os marcadores sociais da diferença fruto da pesquisa realizada na Escola Técnica Estadual Professor Lucilo Ávila Pessoa, localizada em Recife-PE-Brasil, com a turma uma turma do 2º ano do ensino médio em 2024.

No campo da Educação Física e do esporte, a noção de **marcadores sociais da diferença** constitui uma importante ferramenta analítica para compreender como práticas corporais, esportivas e de lazer são atravessadas por relações de poder. Gênero, raça/etnia, classe social, sexualidade e geração operam de forma articulada, produzindo desigualdades no acesso, na valorização e no reconhecimento das diferentes manifestações corporais. Essa perspectiva permite problematizar, por exemplo, a masculinização histórica de determinadas modalidades esportivas, a racialização de práticas corporais populares e a exclusão de sujeitos que não se enquadram nos padrões hegemônicos de corpo, desempenho e competitividade, evidenciando que tais desigualdades não são naturais, mas socialmente construídas[1].

Essa abordagem possibilita analisar criticamente os processos de inclusão e exclusão nas práticas corporais, bem como os mecanismos de legitimação de determinados corpos, esportes e performances em detrimento de outros.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa nos fornecem informações relevantes para pensar sobre o direcionamento que damos nas aulas sobre esporte na educação física escolar. Durante o percurso do ensino fundamental, os estudantes relataram que as aulas não levavam em consideração as diferenças sócio culturais, de gênero, étnico racial, o desnivelamento de saberes e experiências esportivas, deficiência e aspectos religiosos que envolviam os estudantes.

Esta ausência de reconhecimento mostrou-se como um fator importante relacionado ao interesse de partes dos estudantes em participar das aulas, gerando um afastamento do conteúdo esporte. Muitas meninas, estudantes autodeclarados LGBTQIAPN+, pretos e/ou estudantes com poucas habilidades esportivas, se afastaram das aulas por não se sentirem acolhidos ou respeitados na sua singularidade, comprometendo assim o desenvolvimento de conhecimentos a respeito do conteúdo como relatado em alguns depoimentos abaixo:

> “Não aprendi muita coisa nas aulas, pois o professor entregava a bola e deixava quem quisesse jogar” (estudante X)
>
> “Fiz algumas pesquisas sobre as olímpiadas, mas não me lembro de muita coisa sobre os esportes” (estudante @)
>
> “Praticamente não tinha aula e quando tinha era brincar, jogar e correr” (estudante Z)

Estes relatos revelaram uma realidade preocupante, pois apontam que ainda há aulas de educação física negligenciada, que não cumprem seu papel social de transmitir e desenvolver conhecimentos de relevância social e elevar o conhecimento crítico dos estudantes, como ainda aponta Silva Junior (2025):

> O esporte enquanto fenômeno da cultura corporal, pode contribuir para elevação sociocultural do indivíduo e do seu desenvolvimento intelectual e físico, desde que seja tratado nesta perspectiva. Mas, se os professores de educação física tratarem do esporte na perspectiva "esportivizada", continuará distanciando as pessoas do acesso aos seus conhecimentos (Silva Junior. A. F. 2025. P.86)

Desta forma, se faz necessário que cada professor reflita sobre seu papel na mediação e orientação sobre o conhecimento que precisa desenvolver e, sobretudo, deem respostas educacionais aos anseios sociais e enfrentem este afastamento dos estudantes das aulas. Pois, a partir dos relatos dos estudantes, fica evidente que mudanças precisam ser realizadas neste processo de ensino-aprendizagens e que o professor assuma seu papel neste processo, sobretudo quando estiver tratando da temática esporte, pois para Darido (2020), a forma de tratar pedagogicamente o esporte pode ser um dos motivos deste afastamento, como apontado abaixo:

> Outro aspecto que pode contribuir para o gradativo afastamento dos alunos das aulas de Educação Física é o insucesso que muitos deles experimentam na disciplina. Não conseguir ser preciso num passe; não acertar a cesta; não passar a medida mais baixa no salto em altura; ficar em último na corrida; não conseguir seguir o ritmo – pode fazer com que esse aluno se sinta desconfortável com o seu próprio desempenho, levando-o a evitar situações em que essas dificuldades fiquem expostas e se convertam em motivo de constrangimento. A não participação é uma forma de proteção.(Darido, 2020, p. 109)

Portanto, este afastamento também é reflexo do papel do professor e quem se afastam das aulas são justamente estudantes que apresentam algum ou alguns marcadores sociais da diferença, como veremos nos relatos abaixo:

> "Para jogar precisa de força e as meninas são muito fracas para jogar" (Estudante Q)
>
> "Tenho medo de jogar com os meninos, pois eles são muito violentos" (Estudante I)
>
> "As aulas eram no outro turno e separadas por gênero. As nossas aulas não eram dinâmicas, apenas jogávamos na quadra descoberta e quente e muitas alunas desmaiavam" (estudante M)

Estes relatos, explicita o afastamento de meninas em detrimentos dos meninos, revelando os aspectos biológicos como elemento de diferença, demostrando uma supremacia masculina sobre a feminina nas aulas de educação física da temática esporte.

Outros afastamentos se deram por outros marcadores sociais da diferença como etnia, que gera racismo, poucas experiências esportivas anteriores, talvez por dificuldade de acesso, que geram pouca habilidade somadas as outras marcas sociais, que também contribuíram para afastamentos, como os relatos abaixo:

> "Não gostava, porque eu era muito preguiçosa e ninguém me escolhia para jogar". (estudante T)
>
> "Eu não tive aula e não aprendi a jogar. Como sou ruim, prefiro ficar de fora" (estudante F)
>
> "Apesar de ser tecnicamente mais preparada do que outras meninas, me senti discriminada durante um torneio de voleibol pelo fato de ser uma menina negra. Era como eu não pudesse ser melhor por ser pobre e preta". (Estudante Z)
>
> "Ainda há muito racismo na sociedade. Não foi comigo, mas senti como se fosse" (Estudante H)
>
> "Me senti ofendida" (Estudante Ç)
>
> "Impotente" (Estudante R)

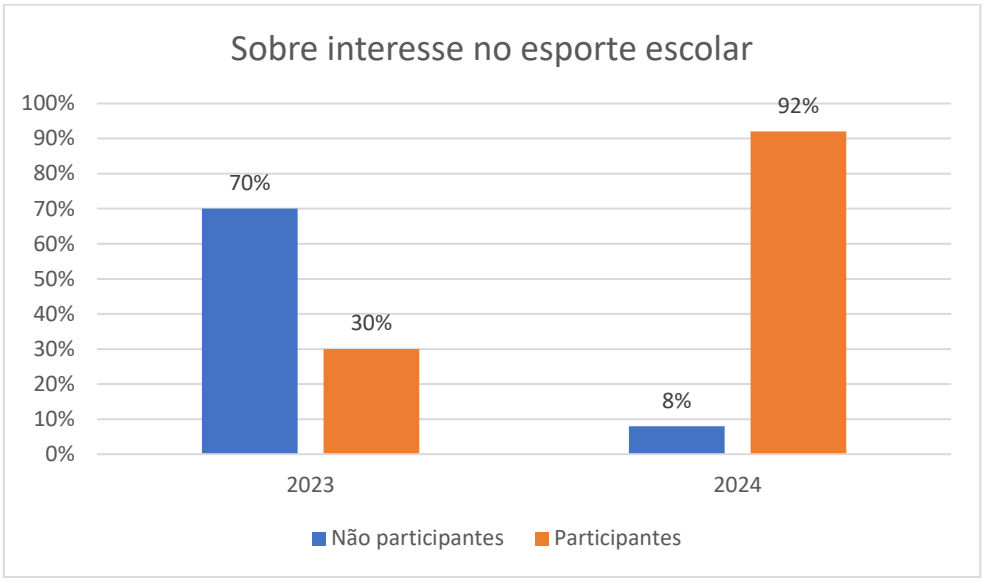
Estes recortes de depoimentos trazem á tona um reflexo social que necessita ser enfrentado e superado. A escola republicana engajada na formação de sujeitos críticos, democráticos, justos e autônomos, não pode reproduzir desigualdades e preconceitos sociais, ao contrário disto, precisa intervir pedagogicamente para formar sujeitos capazes de transformar a realidade social. Ela é um lugar de quebra de paradigmas, um lugar de acolhimento e, desta forma, não pode favorecer o afastamento dos estudantes do acesso ao conhecimento por ela transmitido. Sobretudo, dos estudantes que já enfrentam "historicamente" processo de marginalização ao esporte, como as mulheres, pessoas de diferentes gêneros, etnias, raças, credos e/ou com deficiências e poucas habilidades esportivas.

Desse modo, o professor exerce papel central no processo de engajamento dos estudantes nas aulas, uma vez que suas escolhas metodológicas influenciam diretamente as formas de acolhimento, participação e envolvimento discente. Nesse contexto, observa-se que estudantes, independentemente de sexo, gênero ou raça, tendem a se afastar das aulas em função da valorização — explícita ou implícita — das habilidades esportivas, como se o espaço pedagógico fosse regido por uma lógica competitiva, e não compreendido como um ambiente formativo e de aprendizagem.

A partir do diagnóstico desta relação entre o ensino do esporte e os marcadores sociais da diferença, foram propostas aulas que fizessem o enfrentamento deste problema com a turma pesquisada e alguns avanços foram observados. No início da pesquisa, aproximadamente 30% dos estudantes participantes declararam interesse em participar das aulas com o conteúdo esporte, enquanto cerca de 70% afirmaram não apresentar esse interesse. Ao longo do desenvolvimento da investigação, observou-se uma alteração progressiva nesse quadro. Ao final do processo, cerca de 92% da turma

passou a demonstrar maior envolvimento e interesse pelas práticas esportivas, conforme evidenciado na imagem apresentada a seguir.

Gráfico 1



Fonte: Silva Junior. A. F, 2025. p.126.

Este gráfico apresenta uma mudança positiva de interesse na participação nas aulas sobre o esporte, pois demostra que a abordagem e olhar do professor conseguiu, ao menos durante o processo da pesquisa, ampliar a participação da maior parte do estudante superando assim as barreiras que afastavam a maioria dos estudantes das aulas. Na medida em que o professor identifica as características dos estudantes e atrela seu papel político social a sua ação prática pedagógica, haverá a possibilidade de superação de muitas barreiras educacionais, como aponta Coletivo de Autores (1992):

> Todo educador deve ter definido o seu projeto político-pedagógico. Essa definição orienta a sua prática no nível da sala de aula: a relação que estabelece com seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e o como trata cientifica e metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos. É preciso que cada educador tenha bem claro: qual projeto de sociedade e de homem que persegue? Quais interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que elege para consolidar através da sua prática? Como articula suas aulas com este projeto maior de homem e de sociedade? (Coletivo De Autores, 1992, p. 26)

O professor precisa ter a consciência do seu papel e fazer dele o instrumento de superação das desigualdades e oportunidades educacionais para, junto e dentro da escola, garantir aos estudantes as condições necessárias à sua formação humana e se sintam parte do mundo, como aponta Gonzales e Fensterseifer (2009):

> O papel da escola consiste em tornar acessível às novas gerações um conjunto de conhecimentos que as possibilite "sentir-se em casa no mundo", cabendo à educação conduzir o aluno à perda da identidade, ou ao menos o direito ao seu questionamento, para recuperá-la posteriormente, não mais como destino, mas como escolha. Partindo desta perspectiva, consideramos que a instituição escolar não pode se furtar do compromisso de permitir que seus alunos se sintam em casa no mundo, independentemente de suas características físicas, classe social, cor de pele, identidade de gênero, orientação sexual, orientação política, religiosidade etc. (Gonzales e Fensterseifer, 2009, p. 157)

O enfrentamento das desigualdades sociais deve ocupar lugar central nos processos educativos, independentemente do componente curricular ou do conjunto de conteúdos trabalhados, de modo a possibilitar que os estudantes se reconheçam como sujeitos pertencentes e não sejam excluídos das dinâmicas sociais e culturais que estruturam o mundo. Ainda segundo González e Fensterseifer (2009):

> Permitir que os alunos protagonizem a construção de suas identidades enquanto escolhas com vistas a viver em um mundo mais justo e com respeito às diversidades pressupõe, portanto, professores(as) comprometidos com uma atuação política que desconstrua os preconceitos e as relações assimétricas e hierarquizadas pautadas por critérios normativos que tem imperado na sociedade de uma maneira geral e na instituição escolar em particular.(Gonzales e Fensterseifer, 2009, p. 158)

6 CONCLUSÃO

A história do esporte foi construída valorizando o sistema capitalista que tem por finalidade essencial a obtenção de lucro e para isto se vale da seletividade, competitividade, sobrepujança, entre artefatos, como característica do modo de produção ao qual foi forjado. Estes valores, se transformaram em instrumentos de reprodução educativa nas escolas, em particular, nas aulas de educação física com o conteúdo esporte.

Portanto desde o seu surgimento como esporte moderno, não contemplava a todos os segmentos da sociedade. Era voltado aos homens brancos e com poder socioeconômico, deixando a margem os demais segmentos sociais que, sem gozar de status e reconhecimento enquanto cidadãos de direitos, não poderiam ter acesso ao esporte.

Faziam e ainda fazem parte destes segmentos excluídos as mulheres, as pessoas LGBTQIAPN+, os negros, as pessoas com deficiências e/ou sem poder socioeconômico que representam marcas sociais da diferença e, portanto, sofrem preconceitos e discriminação social em diversas áreas da sociedade.

Embora, tenhamos atenuado um pouco estas "marginalizações" sociais, ao longo do tempo com muitas lutas sociais, ainda se fazem presentes em vários espaços e direitos na sociedade atual. Esta marginalização também se dá dentro da escola e nas aulas sobre esporte a educação física escolar.

Quando o esporte adentra como conteúdo da educação física escolar, traz consigo suas caraterísticas seletivas e excludentes e tenta naturalizar as exclusões baseadas em aspectos biológicos, racionalidade, rendimento, competitividade entre outros aspectos, sem querer observar que o papel da

escola republicana e democrática, não comporta ou deveria comportar tais reproduções discriminatórias e excludentes. Destra forma, o professor tem papel fundamental para promover uma ressignificação do esporte dentro da escola, enquanto conteúdo a ser ensinado. Mas, quando o professor não observa tais processos, promove práticas que reproduzem e fortalecem o sistema de exclusão afastando das aulas os estudantes com marcadores sociais da diferença.

Entretanto, quando os professores reconhecem seu papel político e transformador e valoriza e respeita as diferenças entre os estudantes, torna a aula atrativa, acolhedora e cumpre seu papel de desenvolver não apenas o conhecimento necessário e relevante sobre o conteúdo esporte, mas sobretudo, contribuir para formação omnilateral dos estudantes e instrumentalizá-los de capacidade crítica para atuarem na transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Presidência da República, [1941]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 19 jan. 2026

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Rio de Janeiro: Governo Provisório, [1890]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 19 jan. 2026

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; GINCIENE, Adriana. **Desafios da Educação Física escolar**. [S.l.: s.n.], 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GONZALES, Ana Maria; FENSTERSEIFER, Maria Cristina. **A escola como espaço de construção da identidade cultural**: desafios e possibilidades. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 107, p. 145-162, jul./set. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edusoc/a/6h5Y9rK6F6g9Lx6y6r6F5/?lang=pt. Acesso em: 12 mar. 2025

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e modernidade: apropriações, discursos e experiências**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1996.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

SILVA JÚNIOR, A. **O ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:** É para quê e para quem? Uma experiência do trato pedagógico do esporte da escola numa escola técnica do ensino médio. 2025. Dissertação (Mestrado profissional em Educação Física escolar) - UNESP/Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE, Recife, 2025.